

EDITORIAL

A intenção da chamada para o dossiê **Imaginário e Cotidiano** era promover a discussão sobre as manifestações simbólicas e formadoras da noção de realidade presentes em nosso cotidiano. Com este intuito, buscamos pesquisadores experientes nos caminhos do Imaginário e também aqueles que estão iniciando sua carreira acadêmica por estes deltas. A resposta foi especialmente gratificante ao conseguirmos estabelecer uma rede de resultados, expectativas e desejos futuros de manter vivo este diálogo, Brasil a fora e além mares, sobre os estudos do Imaginário.

Para tanto, procuramos alinhar reflexões teórico-práticas acerca da linguagem, do imaginário e das imagens que nos cercam e são motivadoras da vida social. Pelas lentes da teoria do imaginário, podemos entender as materialidades das artes, das mídias e tantas outras formas, como veremos nos textos, de representação como potência simbólica. A convergência, o isomorfismo e a totalidade das imagens, traços fundantes da antropologia do imaginário proposta por G. Durand (2002), estão presentes nas atitudes imaginativas que dão sentido à vida. Podemos observar o tempo e o espaço de determinada sociedade através das imagens-símbolos presentes nos discursos produzidos. A imagem é estruturante neste contexto. Não nos referimos somente à imagem estática, mas a imagem-mundo. Se partirmos do pressuposto que a mídia é a mais importante produtora de efeitos de sentido sobre a realidade ou, ao menos, seleciona os fatos a serem discutidos socialmente, também é importante destacar que muito desta seleção nos chega através de imagens. Não só imagens materiais, mas imagens-conceito, imagens enquanto valor. O intuito, aqui, é promover uma reflexão sobre a ética e a estética pós-moderna, tendo como potência as imagens cotidianas e socialmente significadas.

Pela intensa participação dos pesquisadores do Imaginário neste dossiê, optamos por dividi-lo em dois volumes. Neste primeiro, apresentamos sete artigos e uma resenha.

Em *L'imaginaire de l'Apocalypse, Le septénaire: sens et symboles*, o francês Georges Bertin, sociólogo, antropólogo, doutor em Ciências da Educação e diretor do Ciclo de Pesquisas Antropológicas sobre o Imaginário (CRAI), propõe uma viagem antropológica sobre o Apocalipse, através de sua recorrência simbólica. O



escopo arquetípico do mundo imaginal, em diferentes épocas, manifestações e crenças, revelam um sentido sagrado guardado em profundidade, pensado a partir desta aproximação do pensamento hermenêutico e do Apocalipse.

Danton José Boatini Júnior, da PUC-RS, apresenta uma viagem pelo percurso histórico-conceitual do Imaginário para propor a discussão sobre a contemporaneidade e o papel que as redes sociais desempenham na manifestação do imaginário social. O artigo intitulado **Visões do imaginário: dos pioneiros às redes sociais digitais** propõe, ao final, uma análise sobre como estes dispositivos contribuem para a criação de um imaginário relacionado ao medo e a violência nas grandes cidades.

O artigo **Telejornalismo e imaginário: uma análise mitocrítica da transposição do “Velho Chico”** de autoria de Zulenilton Sobreira Leal (UNEB) e Eunice Simões Lins (UFPB) traz uma análise sobre como o telejornalismo local opera em um imaginário em relação ao rio São Francisco e a temática da transposição. Ainda discute como se dá o diálogo entre *logos* e *mythos*, na narrativa do telejornal. As imagens simbólicas lançadas pela tela são o objeto de discussão via uma criteriosa aplicação metodológica da mitocrítica.

Evson Malaquias de Moraes Santos (UFPE) e Amanda Pereira Santos apresentam o artigo **Imaginário Social d’O Globo acerca de Celebridades Criminosas e Manifestantes da Jornada de Junho. Quem são os Bandidos?** Nele, os autores discutem as significações imaginárias sociais do O Globo sobre criminosos célebres com os manifestantes da jornada de 2014, abordando a questão das celebridades criminosas e a postura jornalística quanto a formação de sentido. Vale ressaltar que os dados levantados pela pesquisa serviram de embasamento jurídico para a defesa de jovens pós-manifestações sociais.

Os eternos opostos e o narrar e ensaiar na hipermodernidade é o estudo de Geam Karlo Gomes, líder do Grupo de Pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos Sobre o Imaginário (UPE). As discussões dos opostos Bem e Mal, sua vivência nos tribalismos da hipermodernidade, são analisadas via Literatura. O autor apresenta no romance “Diário de um ano ruim”, de J.M. Coetzee a experiência de ensaio e narrativa, simbolismos para uma socialidade.

Iuri Castelan apresenta, em coautoria com Heloisa Juncklaus Preis Moraes (Unisul) a pesquisa **Cantando a vida no campo: elementos simbólicos de**



composições musicais. Desde que iniciou seu caminho pelos campos do Imaginário ainda na iniciação científica até a apresentação deste estudo, as composições musicais sempre instigaram Iuri Castelan a pensar nos símbolos cantados e presentes em determinados estilos musicais. Aqui, especificamente, os autores apresentam um recorte da música sertaneja, raiz de uma comunhão, exaltação de um estilo de vida.

A animação, com seu repertório imagético e sonoro, sempre pode ser utilizada como estímulo positivo na prática educativa e integradora nas questões de saúde? Discussão trazida em **O cinema de animação e o imaginário da saúde, da atenção e do cuidado: contribuições para a educação e formação de profissionais da saúde** de autoria de Regina Zanella Penteadó e Pedro Henrique Giambroni Neves Rodrigues (UNIMEP). O estudo evidencia que o cinema de animação, por ratificar imaginários que afirmam estereótipos tradicionais das práticas de saúde, acaba por dificultar a abertura necessária para a educação transformadora da sociedade e da formação dos profissionais da saúde.

L’aura électronique. L’imaginaire, le sacré et la vie digitale é o artigo apresentado Vincenzo Susca (Universidade Paul-Valéry Montpellier, França). Pelo digital, as formas de comunicação tornam-se comunhão, propulsora da imaginação sensível. Esta nuvem de informações e símbolos, diz o escritor, vai forjando nossa identidade. Assim, o ensaio discorre sobre a mutação sócio-antropológica apoiada nas mudanças tecnológicas.

Finalizamos este volume com a apresentação, por Anderson dos Santos Machado, da PUC-RS, de **As camadas na floresta do simbólico: uma leitura do livro “Diferença e descobrimento: o que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação”, de Juremir Machado da Silva (2017).**

Convidamos à leitura e ao compartilhamento deste material como forma de disseminar que o Imaginário não diz respeito à uma área do conhecimento, imaginar, simbolizar é faculdade do ser humano. Aqui está um exemplo dos múltiplos olhares e objetos entendidos e colocados em cena pelas lentes do Imaginário.

Organizadoras: Profa. Dra. Heloisa Juncklaus Preis Moraes (UNISUL) e Profa. Dra. Juliana Tonin (PUCRS)
(Organizadores do dossiê “Imaginário e Cotidiano”)

